

**“HÁ UM JOGO DE RELÂMPAGOS SOBRE O MUNDO”:
A PERSONA LUIZA NETO JORGE NA POESIA FEMINISTA**

Carolina Alves Ferreira de Abreu¹
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira²

RESUMO

Neste artigo propôs-se fazer um estudo direcionado à abordagem da mulher na poesia da portuguesa Luiza Neto Jorge, no livro *Corpo Insurrecto e Outros Poemas* organizado por Floriano Martins, no qual pretende-se analisar os poemas “Metamorfose” e “Canção para o dia igual”. Para o estudo acerca da temática analisada, utilizou-se como fundamentação teórica as ideias de Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, acerca da libertação feminina dos moldes patriarcais. Complementa-se a base teórica com as ideias de alguns críticos literários brasileiros e portugueses sobre a poesia de Luiza Neto Jorge, como também a análise dos símbolos no *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e de Juan Eduardo Cirlot. Algumas concepções acerca do corpo são esboçadas, tais como aquelas que mostram a complexa dualidade de relações, em que ora o corpo surge como um elemento destituído de importância, ora como algo relevante, que luta contra a interdição. O sujeito proposto, ou a linguagem, necessita quebrar os preceitos que aprisionam o ser mulher ou o ato criativo da escrita, desenvolvendo uma relação entre a ruptura da linguagem e a ruptura dos dogmas sociais e estéticos; entre a realidade hostil e estereotipada imposta à mulher ocidental e a reconstrução da linguagem e da identidade nos tempos da opressão ditatorial e patriarcal.

Palavras-chave: Luiza Neto Jorge; Poesia portuguesa do século XX; Resistência; Mulher.

ABSTRACT

This article seeks to do a study directed to the woman's approach to poetry Portuguese Luiza Neto Jorge, in the book *Firebrand Body and Other Poems* organized by Floriano Martins, in which we intend to analyze the poems "Metamorphosis" and "Song for the day equal." For the study of the analyzed subject, it was used as the theoretical basis of Simone de Beauvoir ideas in *The Second Sex*, about women's liberation from patriarchal mold. Complements the theoretical basis to the ideas of some Brazilian and Portuguese literary critics on the poetry of Luiza Neto Jorge, as well as the analysis of symbols in the *Dictionary of Symbols* by Jean Chevalier and Juan Eduardo Cirlot. Some conceptions of the body are outlined, such as those that show the complex duality of relationships, in which the body now appears as an element unimportant, or as something relevant, fighting against the interdict. The proposed subject, or language, need to break the precepts that trap a woman or the creative act of writing, developing a relationship between the breakdown of language and the breakdown of social and aesthetic dogmas; between hostile and stereotypical reality imposed on Western woman and the reconstruction of language and identity in times of dictatorial and patriarchal oppression.

Keywords: Luiza Neto Jorge; Portuguese poetry of the twentieth century; Resistance; Woman.

¹Aluna graduanda do nono período de Letras – Língua e Literatura Portuguesa; Discente bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: deabreu.carol@hotmail.com

² Orientadora do Projeto intitulado “Relações de Poder em *Corpo Insurrecto*, de Luiza Neto Jorge: a poesia em tempos sombrios.”;

Professora Dr.^a de Literaturas em Língua Portuguesa do DLLP e do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFAM.

O SUJEITO OUTRO: O PERCURSO DO FEMININO DIANTE DA REALIDADE PATRIARCAL

O processo pelo qual a condição da mulher enquanto ser autônomo de sua história passou foi árduo e sistemático perante um modelo social imposto pela conduta moral e dos bons costumes, ou mesmo pela perspectiva biológica fundada na construção da fragilidade do sexo feminino perante uma mera função de reprodutora, no qual “É impossível, vê-se por esse exemplo, encarar a mulher unicamente como força produtora; ela é para o homem uma parceira sexual, uma reprodutora, um objeto erótico, um Outro através do qual ele se busca a si próprio” (BEAUVOIR, 1970, p. 79).

Ao longo da história ocidental perpetuada pelos homens, as mulheres arriscaram rebelar-se diante de sua condição de subordinada, tentando alcançar uma voz além que ecoasse através de seus ideais um lugar com mais possibilidades de recriar ou de refazer a história enquanto sujeito mulher. A construção elaborada sob o estereótipo da fragilidade em ser este *Outro* proposto por Simone restitui um discurso opressivo e excludente desde os primórdios, que tiveram no modelo capitalista de produção o enfoque da luta feminista de uma forma mais consistente e firme, reivindicando sob o qual:

O homem que constitui a mulher como um Outro encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. (BEAUVOIR, 1970, p.15).

O percurso histórico da compreensão de como o poder do homem reinou de forma tão intensa e autoritária tem raízes nos primórdios da existência, na realidade da produção agrícola, na qual o homem constitui a sociedade primitiva através da proteção da organização social diante dos saques de outros grupos, enquanto a mulher reproduzia a prole, “Com a domesticação dos animais e o desenvolvimento da agricultura intensiva⁶ ocorre um aumento na produção, caracterizado como capital excedente, o que possibilitou a volta do homem ante a organização social (...)” (IOP, 2009, p.235). É neste momento que a sociedade matrilinear pressuposta sob uma economia pautada no manejo e na colheita de vegetais perde espaço para o ambiente masculino na conduta do arado e passa a se desencadear na formação do Estado propriamente patriarcal.

Em “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, Engels (1984) ressalta o momento da consolidação do modelo patriarcal sob o qual a mulher perde o direito

materno e passa a ser uma das propriedades privadas instituídas neste novo modelo de conduta social. Ela é, desta forma, condicionada como um objeto passivo em um ambiente privado modelado pelo homem e para ele, em que “Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social” (NORVAZ; KOLLER, 2006, p.50). Diferente do que possa imaginar Engels a respeito da emancipação feminina através de sua participação efetiva na esfera pública, esta condição perdura até mesmo no modelo de produção capitalista, que se empenha na ideologia de liberdade.

É durante este processo do sistema patriarcal que a sociedade moderna se cristaliza nesta condição, no domínio referente às leis do homem e de suas necessidades, como também na póstuma ruptura com tais amarraduras através das lutas feministas em um *patriarcado moderno*:

O patriarcado moderno vigente alterou sua configuração, mas manteve as premissas do pensamento patriarcal tradicional. O pensamento patriarcal tradicional envolve as proposições que tomam o poder do pai na família como origem e modelo de todas as relações de poder e autoridade, o que parece ter vigido nas épocas da Idade Média e da modernidade até o século XVII. O discurso ideológico e político que anuncia o declínio do patriarcado, ao final do século XVII, baseia-se na idéia de que não há mais os direitos de um *pai* sobre as mulheres na sociedade civil. No entanto, uma vez mantido o direito natural conjugal dos homens sobre as mulheres, como se cada homem tivesse o direito natural de poder sobre a esposa, há um *patriarcado moderno* (NORVAZ; KOLLER, 2006, p.60).

Com o advento do capitalismo, o patriarcado continua perdurando como um preceito às relações humanas de que o homem deve impor o poder e legislar as leis de acordo com sua necessidade diante do âmbito social e de outras instâncias. É justamente neste ideário, de modo mais atual, que a cultura ocidental vem se modelando acerca das relações entre a mulher e o homem.

É mais especificamente no modelo de produção industrial e do seu ápice na realidade moderna que as desigualdades de classe fundamentadas na distribuição de riqueza produzida continuam a reiterar as diferenças entre gêneros. A autonomia feminina através das lutas feministas surge como um embate ante as ideias freudianas justificadas pela desvalorização da mulher ou sua passividade como o “complexo de castração” pela ausência do pênis, da fragilidade difundida no corpo patologizado pela medicina, ao qual se controlou e regulou-se, ou mesmo da conduta de se reproduzir e estagnar a ideia do ser mulher nestes modelos construídos e estereotipados na vivência patriarcal.

A realidade contemporânea, dentre os anos de 60 e 70, traz em si os fundamentos do feminismo, que pautam a necessidade da luta através da militância das mulheres ante toda a opressão de tempos remotos trazidos à tona pelo capitalismo com mais força e desigualdade dentre a concepção ideológica de “liberdade”. Este ideário de universalidade amparado pelo capitalismo proporciona condições que rompem com a dimensão do tradicionalismo na realidade moderna do mundo ocidental pressuposto pelas mulheres, em que “a disseminação das condições de vida urbano-industrial exacerbou o confronto entre o ritmo de vida imposto pelo trabalho assalariado e as exigências da vida doméstica tradicional” (MORAES, 1996, p.8), sob o qual “o movimento feminista, por sua vez, emergiu do seio de um ativo movimento estudantil, num momento histórico marcado pela aparição dos chamados ‘grupos minoritários’, como o movimento negro e o movimento homossexual” (MORAES, 1996, p.37).

Os movimentos contemporâneos contestavam os valores dominantes já enfiados no mundo ocidental abastado e imperialista, como também a escravidão colonial ainda evidenciada em alguns países da África. O que há neste momento é uma ruptura na história contra os grandes poderes de toda uma era, em contraponto aos marginalizados que impunham um grito de liberdade e de vez.

Se Nietzsche propôs em *Zarathustra* a morte de Deus como a morte dos fundamentos assentados nos valores à época vigente, Foucault “segundo a fórmula nietzschiana da morte de Deus, a morte do Homem como condição da retomada do pensar e do saber que queira sair dessa Identidade que devora a Alteridade” (BRUNI, 2006, p.34). É neste propício meio que o sujeito feminino reinventa para si uma nova condição, possibilidades “de novas concepções de sexualidade, beleza e sedução, até mesmo corporais” (RAGO, 2006, p.107), “práticas de si” em uma premissa de constituir percursos de “práticas de liberdade” deste Outro, legitimado por Beauvoir.

A PERSONA LUIZA NETO JORGE NA POESIA FEMINISTA: UM EMBATE CONTRA AS IMPOSIÇÕES À MULHER

Com a nova perspectiva de mundo moderno, dentre toda a fatalidade das grandes guerras, surge também o embate do lugar da mulher não somente enquanto sujeito, mas enquanto fazedora de arte, que subjaz todo um aparato no tema da mulher oprimida pelo sistema carcerário e opressor do patriarcado em meio a uma realidade ditatorial. É neste contexto que Luiza surge como uma poetisa que dá a luz ao movimento de fazer poesia como

um embate ante os modelos de ditadura salazarista no modelo de patriarcado que opunha a família e a mulher como um arquétipo da moral portuguesa. Melhor dizendo, do mergulho ao retorno de um Portugal renascentista como outrora de Camões, ao qual Luiza sobrepôs, através de uma voz feminina e obliterada pelo vazio de ser o Outro, uma nova concepção de fazer arte e de instaurar um grito da mulher em meio ao caos dos feitos modernos sob a empreitada do patriarcalismo do Estado Novo.

A poesia feminista surge intimamente como um ato de insurreição diante das formas de poder sob o sujeito mulher enquanto esta “aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade” (BEAUVOIR, 1970, p.9), passando assim à determinação da luta a favor de uma subjetividade própria “pela qual o indivíduo constitui relações de si para consigo, abrindo espaços da liberdade para além dos saberes e poderes que ameaçam capturá-lo e despotencializá-lo” (RAGO, 2006, p.102). O que há decerto é uma tentativa de romper com a visão de encará-la apenas como força reprodutora, ou “um Outro através do qual êle se busca a si próprio” (RAGO, 2006, p.102).

Luiza Neto Jorge, vivenciando um ambiente ditatorial e patriarcal tão enraizado em um Portugal, que segundo Fernando Rosas (2001), impunha-se na necessidade de um retorno ao mítico Portugal renascentista, a poetisa revolta as palavras na mesma dimensão em que se revolta contra todo este modelo já cristalizado. Este historiador afirma isto através do *mito polingenético*, cuja estrutura do Estado Novo propunha um retorno a Portugal desbravador – mesmo que no autoritarismo, mas na árdua luta de não deixar o legado de um país fracassado – e modelado através dos “bons costumes” cristãos e patriarcais. A criação de Luiza neste enredo tão habitado por tais estigmatizações à mulher traz em sua essência a poesia como resistência aos modelos de poder cristalizados na sociedade, de modo que o elemento poema surge como um artifício da arte literária que visa denunciar tais realidades; mas que visa também impor à mulher um lugar, uma identidade. É o que Rosas (2001) diz ainda sobre o Salazarismo:

(...) o salazarismo neste período da sua história, assente numa certa ideia mítica de nação e de interesse nacional, tentou, também ele, resgatar as almas dos portugueses, integrá-los, sob a orientação unívoca de organismos estatais de orientação ideológica, «no pensamento moral que dirige a Nação», «educar politicamente o povo português» num contexto de rigorosa unicidade ideológica e política definida e aplicada pelos aparelhos de propaganda e inculcação do regime e de acordo com o ideário da revolução nacional (ROSAS, 2001, p.1032).

É desta forma que a poesia se arma, em uma realidade de engajamento que subjaz o corpo do ser e do poema como uma realidade na qual há o condicionamento de um lugar com

propósito de incentivar à revolução literária e social. É através deste corpo, ecoado por uma voz feminina, num modelo de sistema patriarcal, que as mulheres se viram em completa desigualdade diante das ações masculinas em nome da “natureza feminina”.

A poetisa descontrói, ergue um brado a favor da desagregação dos bons modos em relação ao olhar a respeito da mulher e de seu condicionamento não para ser mãe, segundo a finalidade de sua espécie dentre a história, ou “uma mãe devota à pátria e ocupar-se do governo doméstico”, mas para “uma intensificação das relações de se para consigo, mas não como narcisismo, e sim mediante relações interindividuais, trocas e comunicações, como prática social” (RAGO, 2008, p.108), ou complementando em uma instância maior “a relação dos indivíduos e a relação de si para consigo, como liberdade diante das normas e convenções, como artes, enfim, que se opõem a formas fascistas de vida” (RAGO, 2008, p.108).

No poema “Metamorfose”, tais realidades sobre a condição da mulher são evidenciadas, como também a simbologia usada para a assimilação de uma mulher que se transforma em cabra é de poema marcado por simbologias que focam o aspecto de sua liberdade ante todos os encaixes que interdita o aspecto do ser mulher a mero ser assujeitado pelas perspectivas masculinas de conduta:

Quando a mulher
se transformou cabra
marés anuíram
ao ciclo recente
das águas
ah
as bombas
desceram em pára-quedas
antes dos homens

Esta é a revolta
a metamorfose
onde equinócios mecânicos
abortam os filhos

Cabra só cabra
espeta
nas pernas dos pajens
os cornos alucinantes
como para ergueres dos mortos
a necessidade da vida
antes

A mulher se transformou cabra
ritual de emigração
em resposta à raiz

constante das árvores
 ao grande silêncio
 empastado nas letras
 de imprensa

Foi quando a mulher
 se fez cabra
 no compasso de fúria
 contra a batuta
 dos chefes de orquestra
 que escorrem notas
 dos gritos da música

Fez-se cabra
 desatenta de origens
 cabra com fardo de cio
 no peso das tetas
 cabra bem cabra
 adoçando a fome
 na flor dos cardos

(Quando a cabra
 voltar mulher -
 - ressurreição)
 (JORGE, 2008, p.45)

Esta mulher metamorfoseada, transformada em cabra, remete à simbologia, na perspectiva ocidental, à condição de libertária em que “seu gosto pela liberdade, por uma liberdade feita de impulsos imprevisíveis” (CHEVALIER, 2012, p.157), que por tal motivo conduz as “marés” a permitirem “ao ciclo recente / das águas”, águas que “ilimitadas e mortais, são o princípio e o fim de todas as coisas da terra” (CIRLOT, 2012, p.62) um novo estabelecer-se no mundo. A intensidade do termo cabra é tão forte, que é retomado constantemente nos versos póstumos ao inicial, de modo que no segundo é evidente a conotação de insurreição: “Esta é a revolta / a metamorfose“, aludindo sempre a esta transformação “onde equinócios mecânicos / abortam os filhos”. Daí uma construção estritamente ante a condição natural de ser mulher e reproduzir, porque “não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade” (BEAUVOIR, 1970, p.59).

Simone explica fielmente a condição de mulher como uma escolha refletida nas ações pelas quais se conceitua ser uma mulher. A mulher do poema move-se por um impulso, um grito pela liberdade, que no terceiro verso a cabra “espeta/ nas pernas dos pajens / os cornos alucinantes” moços nobres da vivência medieval que viviam para o aperfeiçoamento das armas e das boas maneiras. Há aqui através do “espeta” uma tentativa de destruição do

aspecto masculinizado através da força e da virilidade, como também dos bons modos de características morais e exemplares, destruição “para ergueres dos mortos / a necessidade da vida / antes”.

Paralelo a essa concepção de se transformar e assim transgredir, a mulher rebela-se ante um modelo de tradição “em resposta à raiz / constante das árvores”, que “representa, no sentido mais amplo, a vida do cosmo, sua densidade, crescimento, proliferação, geração e regeneração” (CIRLOT, 2012, p. 98), tornando-se assim um embate à realidade absoluta, ao centro de um lugar pressuposto pela consolidação do complexo masculino. Complementando com o quarto verso, a transformação “no compasso de fúria / contra a batuta / dos chefes de orquestra” dá-se na dominação imposta pelos “chefes” que a possuem e a alastram diante do sistema a harmonizar a “música” ou a ordem prezada pelo fascismo.

O poema finaliza a temática da transgressão desse ser como alguém cuja liberdade se conseguiu na medida em a transformação em cabra fundamentou outro olhar e perspectiva a esta mulher metamorfoseada “desatenta de origens” trazendo “no peso das tetas” a desconexão a sua condição de mulher no amamentamento, uma subversão de valores no qual “a sua missão era a de se ocupar do lar e de ser a sua guardiã” (ROSAS, 2001, p. 73) na sociedade portuguesa. Desta forma, foi preciso uma transformação em cabra para conhecer o alicerce da liberdade para assim ressurgir mulher na “ressurreição” no último verso exposto.

Relacionando o poema “Metamorfose” ao poema “Canção para o dia igual”, o que se estabelece é uma diferença dos dois sujeitos mulheres, mas uma convergência na característica do objeto mulher como o Outro, pressuposto por Simone, pois se no primeiro há uma metamorfose nas formas do ser mulher, no segundo implica-se um corpo fundido no estabelecimento do ser mulher como mera fragilidade e indiferença: “O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial” (BEAUVOIR, 1970, p.23).

Se Simone (1970) critica as formas de definição do que é mulher como mero indivíduo reprodutor, ou como reflexo da posição patriarcal na sociedade de classes no materialismo histórico, em que a mulher para conseguir uma posição social precisa pertencer a uma esfera pública, ela dinamiza através do existencialismo a representação do homem como o Um, o Absoluto, e esta categorização impõe à mulher o Outro, que comparada ao primeiro não tem liberdade de conduta, vendo-se muitas vezes a partir deste Absoluto. Contestando tais realidades, Simone define o Absoluto como o ser que limita a existência do Outro.

Através dessa construção temática vê-se no poema “Canção para o dia igual” o lugar atual da realidade feminina como uma contestação através da amostra amargurada da imagem da mulher:

maria pobre de corpo
não tem mãos

ainda agora nasceu
não tem mãos

maria pobre de corpo
não tem cabelos

viajam no vento as tranças
com selos de nostalgia

maria pobre de corpo
entorna os braços pelo dia

longo ritmo de sede
e vida maria
(JORGE, 2008, p.26)

Nesse poema, o corpo pressuposto como um ato de ação nada possui que não a pobreza de sê-lo mulher, “não tem mãos”, estando assim sem nada para pegar e imortalizar, sem mãos para lutar. Corpo este que:

em uma perspectiva feminista, era também o lugar por onde se passavam e se concretizavam as relações de poder e de dominação masculina – portanto, um lugar de disputa política -, necessitava ser desconstruído com a desconstrução dos discursos e das práticas falocráticas que o haviam construído (SCAVONE, 2008, p.96).

Uma mulher, chamada maria, definindo sua existência no mundo possivelmente como uma nova vida gerada em um lugar afligido pelo ambiente enclausurado pelos regimes totalitários, ou pelas consequências oriundas das grandes guerra do século XX. O nome “maria” com m minúsculo reitera a condição de sua pequena mobilidade no mundo, de como é árdua a experiência deste Outro na cristalização do Um. Mas maria “entorna os braços pelo dia” e tem já em si um “longo ritmo de sede / e vida maria”. É nesse último contorno do poema o ápice do mesmo, de forma que apesar da figura de maria tão consternada diante da inevitabilidade de sua vida, ela tem naturalmente o dispositivo de duelo pela vida, pela condição enquanto sujeito mulher que a foge, mas pelo “corpo vivido pelo sujeito”

(BEAUVOIR, 1970, p.59) ao qual se fundamenta como um corpo representado pelo ser mulher e sua procura por uma subjetividade ou reconstrução deste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o corpo humano e suas dimensões é pensar também sua história na humanidade, sob a qual sofreu fortes processos de modificação. Construir suas concepções diante das relações sociais, culturais e tecnológicas foi importante para compreender o quanto o corpo foi um mero preceptor de modelos vigentes, que o encarceraram diante do mundo e de sua extensão. Como também foi reprimido por estes mesmos padrões que estigmatizavam o corpo não herege, o corpo fora da relação alma e relações sensitivas. O advento do mundo moderno modifica o corpo devido aos avanços na ciência até condicioná-lo à contemporaneidade, trazendo à tona intensas mudanças sobre a percepção do corpo e suas ações. O ser torna-se um agente insurrecionador dos comportamentos vigentes, principalmente da conduta sexual.

O corpo, este como algo composto por uma modalidade mais abrangente, é também: “o corpo de uma doutrina” ou “o corpo central de uma edificação” (DAGOGNET, 2012, p. 2). A história do corpo complementa uma vasta percepção, direcionando, ao longo do tempo modelos, maneiras e referências de como o homem ou a mulher devem se comportar, ou melhor dizendo: “A história do corpo humano é a história da civilização” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p.24). Desta forma é que Luiza embasa a alusão do corpo com um elemento que representa a relação entre os homens e as mulheres, entre o ambiente vivenciado ou mesmo entre a relação das formas de criação literária em Portugal.

Na construção da poética de Luiza há um arado de peculiaridades, dentre elas está a escrita erótica, no qual o sujeito está em constante posição de desafio diante de si, do outro ou do ambiente em que se situa. Há uma característica importante em seus versos: A escrita erotizada. Isto é, o erotismo através da escrita do próprio texto. Este erotismo não se fundamenta a um mero estado sensual de corpos, mas à vida que se dá ao poema e à sua criação fundamentada no ato sexual. A poetisa não impulsiona o leitor a entender somente como um corpo humano, mas como um corpo textual entrelaçado ao fascínio dos limites de quem cria e do que é criado. A transgressão, a violação, o orgasmo do ser nos processos de atividade sexual estão carregados de simultaneidade à escrita erótica do poema. Este último precisa ser talhado por alguém ou algo que necessite ora se posicionar, ora anular sua própria

identidade para que no final da criação se obtenha no espasmo da alma do criador uma renovação ou realização do que se colocou a desempenhar.

Luiza Neto Jorge insurreciona não somente a escrita na matriz moderna de estar em um modelo social encarcerado, mas a condiciona à extremidade de seus movimentos, numa junção de problemáticas que não se silencia diante da fatalidade humana e das destrezas dos movimentos de uma nova era. A poetisa foca ao leitor a sensibilidade de um mundo enfadado e já em ruínas, de um Portugal que longe do retorno à época de glória e furor, mas que necessita fluir no tempo sob uma condição de vivência mais plena e mais igualitária.

É assim que sua escrita se insere “como uma escrita de resistência e de exigência de um mundo outro. Mas raramente ela o diz abertamente porque, em lugar de o dizer, prefere ser performativa” (MARTELO, 2008, p.15). Essa intensidade característica de sua criação é um desvelar daquilo silenciado, daquilo fundamentalista, sob o qual o ser se move com a formalidade da conduta moral pregada pelos bons costumes. Luiza é um marco de quebra de tais estigmatizações, deixando como herança um aparato de conduções poéticas na luta ante a realidade do mundo, ante a realidade do homem em opressão sob a mulher. Luiza é um fluir na criação de uma poesia ora intercalada pelas destrezas, ora dinamite de uma luta de um ser mulher, de uma voz catastrófica, em que não se dava ouvidos. Mulher, metamorfoseada em cabra, “no peso das tetas/ cabra bem cabra”, na dimensão de uma voz que chega através da poesia para chamar à revolução de um outro dia “quando a cabra / voltar mulher - / - ressureição”.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. Psicologia e Sociedade. Porto: Portugal, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo I – Fatos e Mitos**. 4ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRUNI, José Carlos. **Foucault: o silêncio dos sujeitos**. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

IOP, Elizandra. **Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais**. Visão Global. Joaçaba, v.12, n.2, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 26ª ed. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2012.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 9ª ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

JORGE, Luiza Neto. In: MARTINS, Floriano (Org.). **Corpo Insurrecto e Outros Poemas**. São Paulo: Editora Escrituras, 2008.

MARTELO, Rosa Maria. **Um Jogo de Relâmpagos**. In: MARTINS, Floriano (Org.). **Corpo Insurrecto e Outros Poemas**. São Paulo: Editora Escrituras, 2008.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Vinte Anos de Feminismo**. 1996. 103 f. Tese (livre - docência) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

NORVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e Patriarcado: Da Prescrição normativa à subversão criativa**. In: Psicologia e Sociedade, Rio Grande do Sul, v.18, n.1, 2006.

RAGO, Margareth. **Foucault, a subjetividade e as heterotopias feministas**. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

ROSAS, Fernando. **O Salazarismo e o homem novo: Ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo**. In: Análise Social, Lisboa, v. XXXV, nº 157, 2001.

SCAVONE, Lucila. **O Feminismo e Michel Foucault: afinidades eletivas?** In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.